

# BOLETIM

# ECONÔMICO

*1º Trimestre*  
**2022**

ESTUDO PRODUZIDO POR **LF NOVAIS**  
EM PARCERIA COM **GFB**

## Sumário Executivo

No primeiro trimestre de 2022, a economia brasileira deu continuidade à sua trajetória de recuperação, apoiada no comércio exterior e, internamente, na resiliência do consumo e na reabertura do setor de serviços, mas sem muita ajuda da indústria.

O PIB do país, segundo os dados do IBGE, cresceu +1,0% na passagem do 4º trim/21 para o 1º trim/22, já descontados os efeitos sazonais, e +1,7% ante o 1º trim/21.

A economia mundial contribuiu positivamente para isso, já que nossas exportações cresceram à frente das importações, mas não garantiu nem que a agropecuária nem a indústria crescessem. O único setor a ampliar seu PIB foram os serviços, com +1,0% ante o trimestre anterior e +3,7% frente ao mesmo período do ano passado.

Com o avanço da imunização contra a Covid-19 e o controle da variante ômicron, os serviços deram continuidade à sua normalização, apoiada pelo retorno presencial de muitas empresas e pela manutenção do ritmo de expansão do consumo das famílias, que foi de +0,7% frente ao 4º trim/21 e de +2,2% em relação ao início do ano passado, a despeito da inflação.

Ainda que a inflação venha corroendo o poder de compra de toda a população, estimativas do IPEA mostram que as famílias de alta renda, que são as grandes consumidoras de serviços, têm sofrido menos com este problema, o que, diante do consumo reprimido de muitos serviços, ajuda a explicar a não inflexão do consumo nesta entrada de ano.

Vale observar que a evolução dos preços dos produtos farmacêuticos não tem sido fator de aceleração da inflação no país nos últimos meses. Seus preços na "porta das fábricas", medidos pelo IPP/IBGE, caíram -2,8% em jan-mar/22 e, mesmo com o reajuste de preços determinado pela CMED, passaram a acumular aumento de +3,6% até abr/22, permanecendo muito abaixo do total da indústria de transformação (+6,5%). Para os consumidores finais, que capta as práticas de preço do comércio varejista, a inflação de medicamentos medida pelo IPCA/IBGE acumulou alta de +12,3% nos últimos doze meses até abr/22 contra +14,2% no agregado de produtos industriais e de +12,1% no total do IPCA.

Já, o PIB da indústria ficou estagnado na passagem do 4º trim/21 para o 1º trim/22 (+0,1%, com

ajuste sazonal) e encolheu novamente na comparação com um ano atrás (-1,5%). A parte da indústria total da qual o setor farmacêutico e farmoquímico faz parte, a indústria de transformação, até conseguiu crescer em comparação com o final do ano passado (+1,4%, com ajuste), mas isso só foi possível com ajuda de uma base muito baixa de comparação, já que o setor encolheu ao longo de todo 2021. Frente ao 1º trim/21, caiu -4,7%, seu terceiro trimestre no vermelho.

Além do desemprego ainda elevado, da inflação, que tem atingido mais as famílias de menor renda, cujo consumo é majoritariamente de bens, muitos deles industriais, e da elevação dos juros pelo Banco Central, a indústria também tem enfrentado gargalos nas suas cadeias de produção, que não cederam neste começo de ano em função do surto da ômicron, novos lockdowns na China e pelos efeitos da guerra na Ucrânia.

Produtos de maior intensidade tecnológica, grupo ao qual pertencem os produtos da indústria farmacêutica e farmoquímica, tendem a ser mais vulneráveis à recente desorganização das cadeias, seja porque sua produção implica um número elevado de insumos com fornecedores não rapidamente substituíveis, seja porque, no Brasil, estas atividades dependam mais de importações.

O desempenho insuficiente do PIB industrial já vinha sendo antecipado pela evolução da produção física do setor, também acompanhada pelo IBGE. No 1º trim/22, houve queda de -4,4% na indústria geral e de -4,8% na indústria de transformação, que chegou em mar/22 a um nível de produção 2% abaixo de dez/21 e 2,5% abaixo do pré-pandemia, isto é, em relação a fev/20.

Na indústria farmacêutica e farmoquímica, embora tenha havido oscilação dentro do trimestre, com fev/22 amortecendo o ritmo de queda, a produção de farmacêuticos e farmoquímicos ficou a maior parte do tempo no vermelho, qualquer que seja a comparação utilizada, acumulando -10,7% frente ao 1º trim/21. Com isso, o impacto sobre o emprego no setor também foi negativo (-7,2%).

Ao longo deste período os estoques de produtos finais do setor também caíram, ficando abaixo do planejado na maior parte do tempo, segundo a sondagem da CNI. Produção e estoques em declínio reforçam os sinais de problemas do lado

da oferta do setor, derivado dos gargalos na cadeia, como mencionado anteriormente. Ainda mais que houve crescimento nas vendas do varejo de +9,8%, segundo os dados por unidade da IQVIA, e de +8,2%, tal como contabilizado pela PMC/IBGE, frente ao 1º trim/ 21.

Em abr/22, contudo, de acordo com os dados mais recentes do IBGE, a sinalização da produção física voltou a ser positiva, apresentando variação de +1,0% frente a abr/21 e de +4,8% em relação ao mês anterior, já descontados os efeitos sazonais.

Estes resultados, por ora, mostram que a produção de farmacêuticos e farmoquímicos parece estar em um período de volatilidade, o que é compreensível dadas as alterações no comportamento da demanda, em função da pandemia e, nos últimos meses, à expectativa de elevação dos preços dos medicamentos, definida anualmente pela CMED, e frente aos gargalos em sua cadeia produtiva e pressão de custos.

Se é verdade que a atividade produtiva da indústria farmacêutica e farmoquímica, que não conta com bases baixas de comparação, em função de sua especificidade durante a pandemia, não registra incrementos robustos e persistentes, isso não tem degradado a confiança das empresas no futuro de seus mercados, mantendo suas intenções de investimento.

Segundo Sondagem Industrial da CNI, a intenção de investimento dos empresários do setor farmacêutico e farmoquímico no 1º trim/22 atingiu 70,5 pontos, sem grande mudança em relação ao final de 2021 e permanecendo bem acima da faixa de otimismo, que representa a marca dos 50 pontos. Este patamar também se mostrou mais elevado do que o do 1º trim/21, quando atingiu 63,4 pontos.

Vale observar que neste início de ano, a intenção de investimento da indústria de transformação como um todo não se comportou da mesma forma. Além de ter se situado bem abaixo do nível observado no setor farmacêutico e farmoquímico, em 57,2 pontos, o que quer dizer pouco acima da marca de 50 pontos, o indicador para a indústria de transformação não progrediu nada em relação a um ano atrás (57,7 pontos no 1º trim/21).

Este comportamento das intenções da indústria farmacêutica e farmoquímica mostra que o investimento, seja na ampliação da capacidade produtiva, seja no fortalecimento das competências inovativas, ou então na diversificação para suprir alguma

lacuna na cadeia produtiva ou aproveitar novas oportunidades de negócios, segue peça fundamental de suas estratégias de crescimento, a despeito das oscilações conjunturais de seus mercados.

## Economia Brasileira no 1º trimestre de 2022

No primeiro trimestre de 2022, a economia brasileira deu continuidade à sua trajetória de recuperação, após as dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19, que agravaram um quadro já bastante adverso decorrente da crise de 2015-2016. Frente ao último trimestre do ano passado, o PIB do país chegou até a registrar aceleração em relação aos resultados anteriores, já descontados os efeitos sazonais, mas tal desempenho foi bastante concentrado em poucos setores e no consumo das famílias.

Produto Interno Bruto - PIB do Brasil				
Var. (%) Frente Ao Período Anterior Com Ajuste Sazonal	2º tri/21	3º tri/21	4º tri/21	1º tri/22
<b>PIB Preços de Mercado</b>	<b>-0,2</b>	<b>0,1</b>	<b>0,7</b>	<b>1,0</b>
<b>Ótica da Oferta</b>				
<b>Agropecuária</b>	<b>-5,4</b>	<b>-7,8</b>	<b>6,0</b>	<b>-0,9</b>
<b>Indústria</b>	<b>-0,6</b>	<b>-0,2</b>	<b>-1,2</b>	<b>0,1</b>
Extrativa mineral	5,6	-2,0	-2,1	-3,4
<b>Transformação</b>	<b>-2,5</b>	<b>-1,2</b>	<b>-2,2</b>	<b>1,4</b>
Construção civil	2,0	4,3	1,3	0,8
Prod. e distr de elet, gás, água, esgoto	1,9	-1,8	0,7	6,6
<b>Serviços</b>	<b>0,6</b>	<b>1,4</b>	<b>0,6</b>	<b>1,0</b>
<b>Ótica da Demanda</b>				
Consumo das Famílias	0,0	0,8	0,7	0,7
Consumo do Governo	1,1	1,1	0,9	0,1
Formação Bruta de Capital Fixo	-4,3	-1,1	0,8	-3,5
Exportações	10,3	-7,4	-0,2	5,0
Importações	-1,7	-5,6	0,1	-4,6

Fonte: Contas Nacionais, IBGE.

Na passagem do 4º trim/21 para o 1º trim/22, o PIB do Brasil, segundo as estatísticas oficiais do IBGE, cresceu +1,0%, ficando à frente, portanto, da alta de +0,7% do 4º trim/21 e de +0,1% do 3º trim/21, na mesma comparação. Por trás deste desempenho há dois fatores:

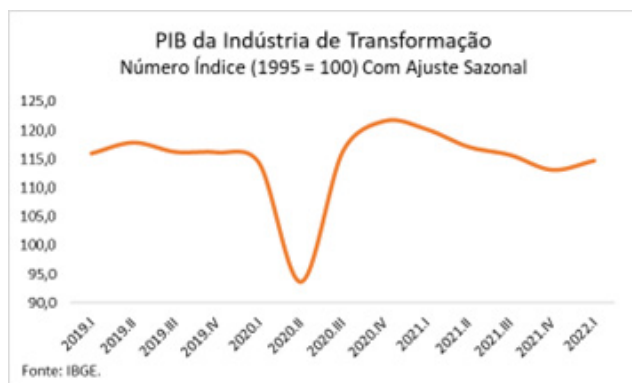
- Um deles é externo e diz respeito à uma contribuição positiva das exportações líquidas, já que as nossas importações totais recuaram -4,6% frente ao final de 2021 e nossas exportações avançaram +5,0%.
- Outro fator está relacionado à reabertura do setor de serviços, viabilizada pelo aumento da cobertura vacinal contra a Covid-19 e pelo controle do contágio da variante ômicron no início de 2022, e à resiliência do consumo das famílias, à despeito da aceleração da inflação.

O consumo das famílias, embora permaneça

crescendo pouco, conservou seu dinamismo na virada do ano, registrando +0,7% tanto no 4º trim/21 como no 1º trim/22, já descontados os efeitos sazonais. Ainda que a inflação venha corroendo o poder de compra da população, nota-se relativa melhora do mercado de trabalho, de modo que a massa de rendimentos reais, que é a base do consumo das famílias, se expandiu em +1,0% do final de 2021 ao primeiro trimestre de 2022.

Além disso, como o IPEA vem apontando, a inflação recente tem comprometido menos o rendimento das famílias de alta renda, que são as grandes consumidoras de serviços, do que o das famílias de menor renda. Em jan-mar/22, a inflação dos domicílios de alta renda foi de +2,58% ante +3,4% nos domicílios de renda muito baixa e de +3,32% nos de renda baixa.

A manutenção do ritmo de crescimento do consumo se traduziu em crescimento do setor de serviços, que foi o único componente do lado da oferta do PIB que registrou evolução positiva na passagem do último trimestre do ano passado para o 1º trim/22. A alta foi de +1,0%, já descontados os efeitos sazonais, enquanto a agricultura recuou -0,9% e a indústria ficou virtualmente estagnada, com +0,1%.



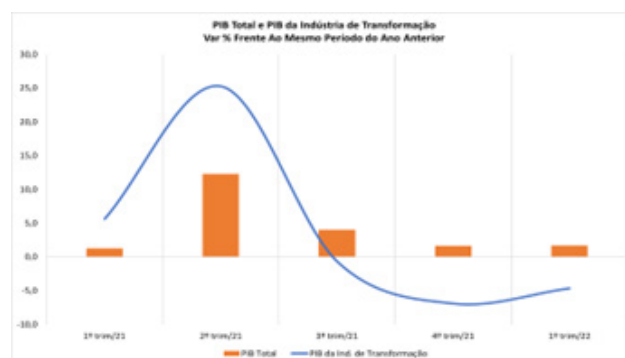
A indústria de transformação, especificamente, voltou a crescer ao registrar +1,4%, mas isso ocorreu com a ajuda de uma base baixa de comparação, já que este setor caiu sistematicamente ao longo de todos os trimestres de 2021 na série com ajuste sazonal.

Este dinamismo também deve muito ao setor externo. Segundo os dados do Ministério da Economia, as exportações da indústria de transformação, em valor por dias úteis, cresceram +33,2% no acumulado de jan-mar/22, bem acima, portanto, do aumento de suas importações (+20,1%). Os

dados do setor externo no PIB refletem em parte este movimento, mas não apenas, já que incluem igualmente os fluxos de comércio externo de outros setores.

O investimento neste início de ano, por sua vez, foi um dos principais destaques negativos, recuando -3,5% em relação ao final de 2021, já descontados os efeitos sazonais. Incertezas referentes à dinâmica das novas variantes da Covid-19, assim, como aquelas derivadas do quadro eleitoral doméstica e da escalada de tensões internacionais contribuíram para isso. A fase adversa na produção industrial de bens de capital já apontava nesta direção ao encolherem -2% no 1º trim/22 em relação ao 4º trim/21, já descontados os efeitos sazonais.

Estes movimentos todos ficam mais claros na comparação com o início do ano passado. Nesta perspectiva interanual, o PIB total do país cresceu +1,7% no 1º trim/22, um resultado próximo ao do 4º trim/21 (+1,6%). Do lado da demanda, cresceram acima do PIB o consumo das famílias (+2,2%), o consumo do governo (+3,3%), bem como o setor externo (+8,1% nas exportações e -11% nas importações). Já o investimento se contraiu -7,2%.



Do lado da oferta, mais uma vez apenas os serviços acusaram expansão, de +3,7%, enquanto a agropecuária caiu -8,0%. O desempenho da indústria na comparação interanual não deixa dúvida sobre o estágio em que o setor se encontra: acumula perdas nos últimos dois trimestres consecutivos. Agora no 1º trim/22 variou -1,5%, sob influência principal da indústria de transformação, cuja queda chegou a -4,7% e está no vermelho desde meados do ano passado.

Os gargalos nas cadeias de fornecedores continuam prejudicando o crescimento industrial, mas fatores de demanda também não podem ser negligenciados, já que a elevação recente da taxa

básica de juros (Selic), ao ser repassadas às taxas dos empréstimos, tendem a afetar diretamente muitos ramos industriais cujos mercados dependem de financiamento.

Além disso, a alta da inflação, que chegou a +11,3% no acumulado em doze meses até mar/22 e o desemprego ainda elevado são obstáculos à demanda das famílias por bens industriais, sobretudo, nas camadas inferiores de renda. A taxa de desemprego, embora cadente, ao passar de 14,7% no 1º trim/21 para 11,1% no 1º trim/22, devido a um declínio de -19,3% do número de desocupados, ainda está em um patamar de dois dígitos, representando quase 12 milhões de pessoas sem emprego.

A performance neste início de ano do valor adicionado da indústria de transformação, que é a informação captada pelas Contas Nacionais para calcular o PIB, também está presente nos dados de produção física do setor, igualmente acompanhada pelo IBGE, mas divulgada com uma defasagem menor de tempo do que a pesquisa do PIB.

No 1º trim/22 a produção física da indústria de transformação encolheu -4,7% em relação ao 1º trim/21, dando o tom à redução de -4,4% da indústria geral, que também inclui os ramos extrativos. Ou seja, passado o período de baixíssimas bases de comparação, decorrentes do choque da pandemia na primeira metade de 2020, o desempenho industrial tornou-se negativo depois do segundo semestre de 2021, o que teve continuidade nesta entrada de 2022.



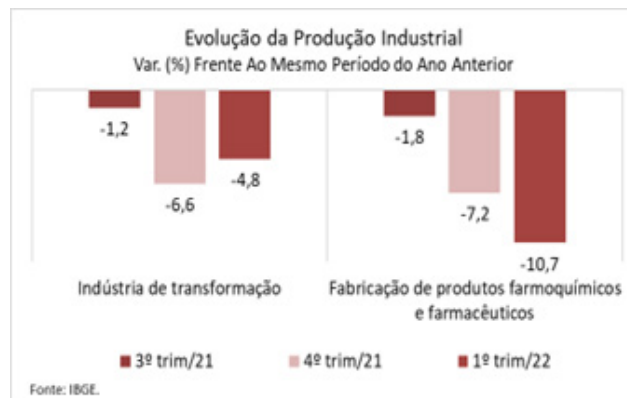
A perda de produção mostrou-se bastante difundida entre segmentos e parques regionais da indústria. Setorialmente, atingiu 85% da indústria, sendo que em quase 40% o ritmo de queda chegou a atingir variações de dois dígitos. Como veremos

na próxima seção, a indústria farmacêutica e farmoquímica foi um destes casos, embora não tenha ficado próximo dos piores resultados.

Regionalmente, por sua vez, o retrocesso industrial no 1º trim/22 atingiu 67% dos seus parques, inclusive São Paulo, que possui o maior e mais diversificado polo industrial do país, ainda que não tenha registrado um resultado tão ruim quanto o agregado nacional.

## A Indústria Farmacêutica no 1º trimestre de 2022

A produção física da indústria de farmacêuticos e farmoquímicos, que, segundo os dados do IBGE, vinha evoluindo em linha com a indústria de transformação em seu agregado, registrou uma queda mais acentuada na entrada de 2022. No primeiro trimestre do ano, o setor caiu -10,7% em comparação com o mesmo período do ano anterior, enquanto a indústria de transformação teve variação de -4,8%.



Além das particularidades do setor no contexto da pandemia, a indústria de farmacêuticos e farmoquímicos vem sendo um dos ramos atingidos pela desorganização das cadeias de fornecimento de insumos, muitos deles importados. O quadro passou por novos desafios com a variante ômicron no mundo e longos períodos de lockdowns na China neste começo de ano. Cabe ainda observar os efeitos indiretos do conflito na Ucrânia, pressionando custos de muitas commodities, notadamente energéticas, e prejudicando a normalização da logística internacional.

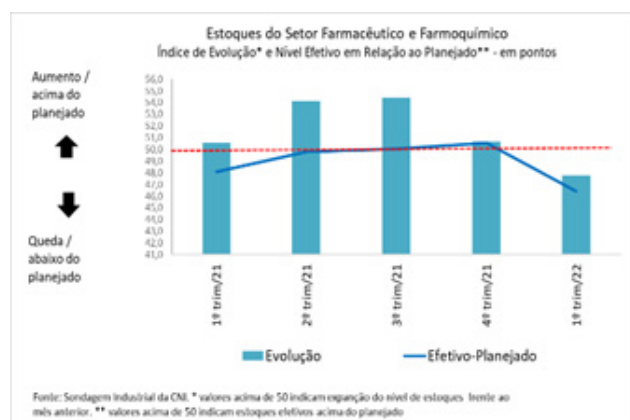
Embora tenha havido oscilação dentro do trimestre, com fev/22 amortecendo o ritmo de que-



da, a produção de farmacêuticos e farmoquímicos ficou a maior parte do tempo no vermelho, qualquer que seja a comparação utilizada. Em abr/22, contudo, a sinalização foi positiva, com variação de +1,0% frente a abr/21 e +4,8% em relação ao mês anterior, já descontados os efeitos sazonais.

Estes resultados, por ora, mostram que a produção de farmacêuticos e farmoquímicos parece estar em um período de volatilidade, o que é compreensível dadas as alterações no comportamento da demanda, em função da pandemia e, nos últimos meses, à expectativa de elevação dos preços dos medicamentos, definida anualmente pela CMED, e frente aos gargalos em sua cadeia produtiva e pressão de custos.

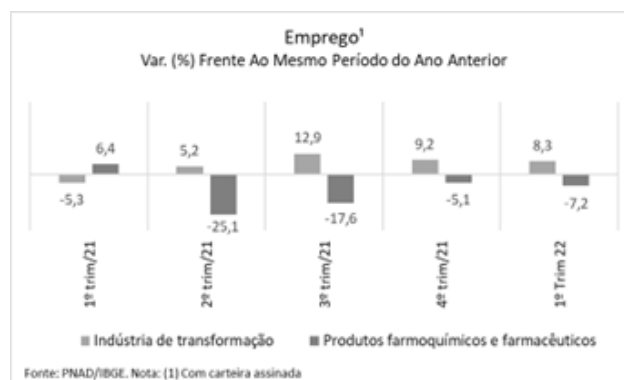
Este movimento de redução do nível de atividade do setor também é captado pelos dados de faturamento real da CNI, mas com certo atraso. Segundo a CNI, a indústria de farmacêuticos e farmoquímicos manteve-se no azul no 1º trim/22: +2,1% ante o mesmo período do ano passado, o que representa um ritmo equivalente a menos da metade daquele do 4º trim/21 e de menos de ¼ do crescimento do 3º trim/21. Ademais, em mar/22, o declínio do faturamento real (-8,8%), ante mar/21, seguiu a evolução captada pelo IBGE da produção física (-6,4%), neste período.



Os estoques de produtos farmacêuticos e farmoquímicos, que vinham se ampliando ao longo de todo o ano de 2021, voltou a declinar no 1º trim/22 chegando a patamares abaixo do planejado pelo setor, segundo o levantamento da CNI. Produção e estoques em declínio reforçam os sinais de problemas do lado da oferta do setor, derivado dos gargalos na cadeia, como mencionado anteriormente. A questão, contudo, parece ter se amenizado em

mar/22, quando os estoques voltaram a crescer, sendo avaliados como em equilíbrio pelos empresários do setor, de acordo com a sondagem regularmente divulgada pela CNI.

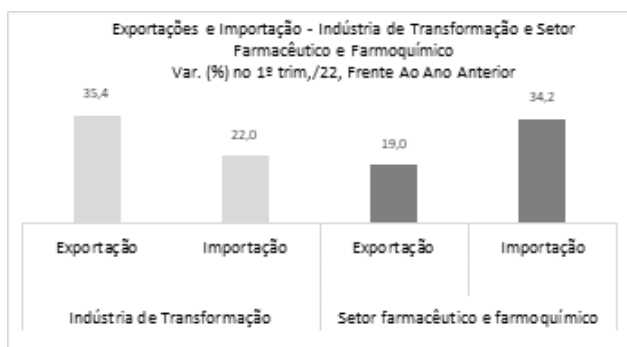
Isso tem refletido no emprego do setor, que após expressiva elevação em 2020, em resposta à pandemia, vem se ajustando pouco a pouco. No 1º trim/22, de acordo com a PNAD contínua do IBGE, o contingente de funcionários com carteira assinada na indústria de farmacêuticos e farmoquímicos foi 7,2% menor do que em igual período do ano anterior. Assim, tem se aproximado muito ao número total pré-pandemia: 189,5 mil pessoas ante 192 mil no 1º trim/20, depois de ter atingido quase 210 mil funcionários nos momentos mais agudos da crise sanitária.



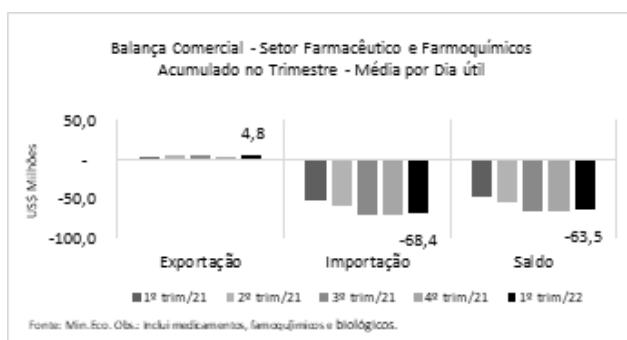
Apesar da queda da produção da indústria farmacêutica e farmoquímica no 1º trim/22, as importações de medicamentos e de insumos farmacêuticos cresceram neste período. Isso pode ter ocorrido porque, frente às dificuldades de se restabelecer fluxos normais de compras externas, as empresas procuram estabelecer estoques quando a oferta externa assim o permite, levando a variações desproporcionais entre a produção corrente e o fluxo de importações.

Neste contexto, diferentemente da indústria de transformação, em que as exportações avançaram no 1º trim/22, na comparação interanual, à frente das importações (+35,4% contra +22,0%), o setor farmacêutico e farmoquímico, que há anos vem se mostrando uma atividade fortemente importadora, ampliou suas importações em +34,2% ante +19,0% de suas exportações.

As importações do setor foram puxadas no 1º Trim/22 sobretudo por medicamentos (+35,4%), seguidos por farmoquímicos (+29,5%). Os biotecnológicos avançaram +34,7%.



O déficit comercial do setor farmacêutico e farmoquímico cresceu +33,4% no 1º trim/22 frente ao 1º trim/21. A título de comparação, o déficit do setor equivale a 30% do déficit total da indústria de transformação no acumulado dos três primeiros meses de 2022.

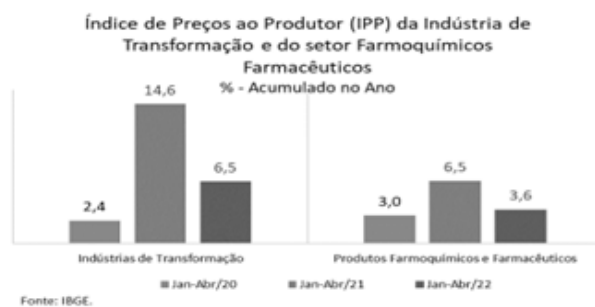


## Evolução Recente dos Preços

Neste início de 2022, índices oficiais de preços continuam indicando uma inflação em produtos farmoquímicos e farmacêuticos expressivamente inferior à inflação total a que o país está sujeita, mesmo se computando o impacto da correção de preços de medicamentos definida pela CMED.

Embora o setor não passe ileso pelas pressões de custo que estão na origem do processo inflacionário recente, não apenas no Brasil, como no mundo, a exemplo da valorização das commodities, inclusive do petróleo e seus derivados, e as fricções causadas pelos gargalos ao longo das cadeias de fornecedores, os preços dos produtos farmacêuticos e farmoquímicos, tanto ao consumidor final como nas "portas das empresas", não tem sido um fator de aceleração da inflação.

Segundo o índice IPP divulgado pelo IBGE, que mede as variações de preço dos produtos que saem da indústria, a inflação de farmoquímicos e farmacêuticos chegou a ser negativa no 1º trim/22 (-2,8%). Só voltou ao terreno positivo no acumulado do primeiro quadrimestre (+3,6%), devido ao reajuste autorizado pela Cmed em abr/22, mas ainda assim ficou muito aquém do IPP da indústria de transformação como um todo (+6,5%). A diferença da inflação no acumulado dos últimos doze meses (mai/21 a abr/22) é ainda mais acentuada: +6,3% para farmoquímicos e farmacêuticos e +20,2% para os produtos da indústria de transformação em seu conjunto.



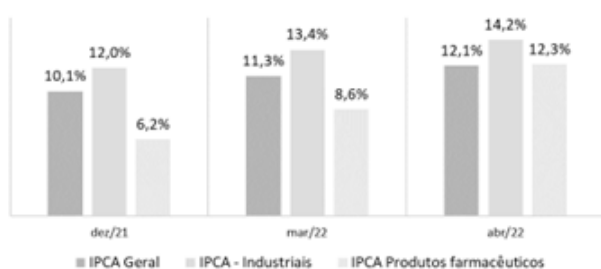
O reajuste de preços no nível dos produtores em abr/22 também pouco pressionou a inflação dos produtos farmacêuticos aos consumidores finais, que refletem igualmente as práticas de preço do comércio varejista. Enquanto o IPP do setor variou +3,6% em jan-abr/22, o IPCA de farmacêuticos evoluiu +8,5%. A aceleração foi importante em abr/22, já que no acumulado de jan-mar/22 o IPCA de farmacêuticos era de +2,2%, levando a inflação deste grupo de produtos a um nível superior ao IPCA total (+4,3%).



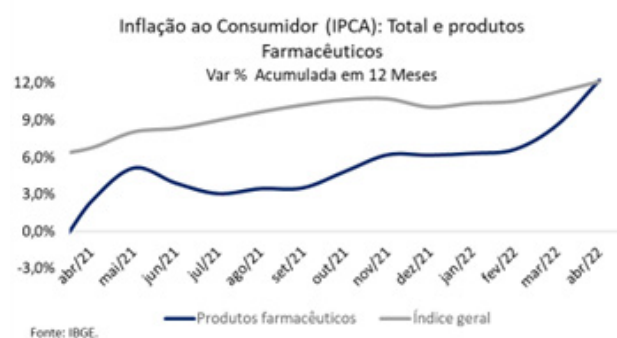
Mesmo assim, esta aceleração recente, que, vale lembrar, marca o comportamento dos preços do setor, já que são definidos pelo órgão re-

gulador e se concentram em período específico do ano, foi capaz apenas de levar a inflação de produtos farmacêuticos no acumulado dos últimos doze meses (de +8,6% até mar/22 para +12,3% até abr/22) ao mesmo patamar do IPCA geral (+12,1%). Ou seja, também neste caso o setor pouco exerceu pressão altista sobre o índice total de inflação aos consumidores.

IPCA Geral, Industriais e Prod. Farmacêuticos  
Var % Acumulada em 12 Meses



Cabe ainda observar que o IPCA do agregado de produtos industriais, calculado pelo Banco Central, continuou correndo a uma velocidade superior ao IPCA de farmacêuticos no acumulado dos últimos doze meses: +14,2% ante +12,3%, respectivamente.



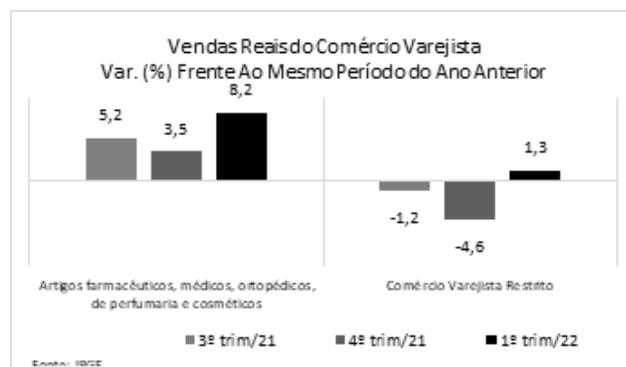
## O Desempenho do Varejo de Produtos Farmacêuticos no 1º trimestre de 2022

A redução dos estoques industriais de produtos farmacêuticos no início de 2022, como vimos acima, também foi influenciada pela evolução positiva da comercialização de medicamentos no varejo.

Dadas a demanda ascendente por medicamentos no quadro pandêmico, que se manteve alta no início de 2022 vis-à-vis 2021, a melhora do mercado de trabalho, que registrou elevação do

emprego formal, e a expectativa de elevação dos preços definida pela CMED, que pode ter gerado uma antecipação de compras, tanto o volume de vendas e medicamentos, mensurado pela Pesquisa mensal do Comércio (PMC) do IBGE como as unidades comercializadas no varejo captadas pelas informações do IQVIA mostraram evolução positiva neste período.

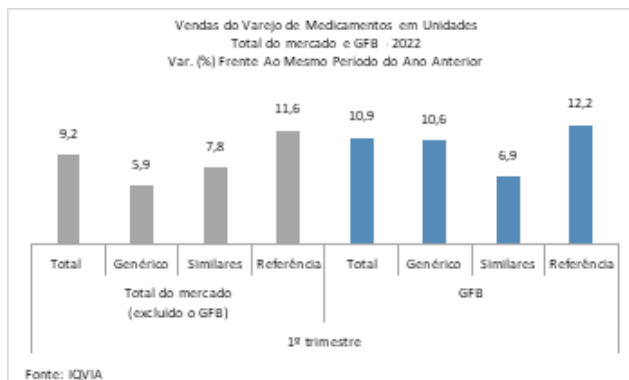
Segundo o IBGE, as vendas do varejo do setor de artigos farmacêuticos da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), que também incluem produtos médicos, ortopédicos, perfumaria e cosméticos, registrou uma expansão de +8,2%, na comparação com o mesmo período de 2021. Já o total das vendas do comércio varejista (em seu conceito restrito, que exclui automóveis, autopeças e materiais da construção civil) registrou uma alta bem menor no 1º trim/22, de +1,3%, em relação ao mesmo período de 2021.



As unidades de medicamentos comercializadas no varejo, segundo a IQVIA, cresceram +10,2% nas empresas do Grupo Farma Brasil (GFB), o que significou um acréscimo de 49 milhões de unidades no 1º trim/22 ante o mesmo trimestre do ano anterior. Neste período, no total do mercado de varejo farmacêutico exceto GFB, a expansão foi de +9,2% e o incremento de unidades atingiu o volume de 70 milhões de unidades.

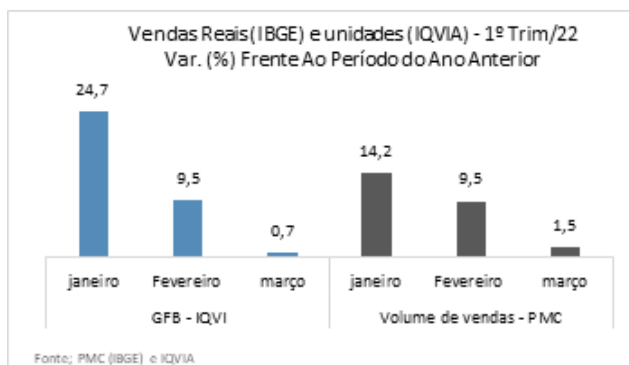
Em termos de quais foram os medicamentos que puxaram as vendas no 1º trim/22, os genéricos se destacaram nas empresas do GFB com alta de +10,6%, na comparação interanual, enquanto que no total do mercado exceto o GFB, o crescimento foi menor (+5,9%).





Nos outros dois tipos de medicamentos, similares e de referência, a evolução foi próxima na comparação entre as empresas do GFB e as demais empresas do mercado. No GFB, as variações interanuais destes medicamentos no 1º trim/22 foram de, respectivamente, +6,9% e +12,2%. No agregado do mercado excluído o GFB, o crescimento dos similares atingiu +7,8% e nos de referência a alta foi de +11,6%

O resultado positivo das vendas de medicamentos no 1º trim/22 sofreu influência determinante do mês de janeiro, tanto no volume das vendas da PMC (IBGE), como na comercialização das unidades de medicamentos captados pela pesquisa da IQVIA.



Em janeiro, o volume de vendas de artigos farmacêuticos, cosméticos, ortopédicos e de perfumaria cresceu +14,2%, na comparação interanual. Nas unidades de medicamentos comercializadas no varejo, segundo o IQVIA, a alta atingiu +24,7%, na mesma base de comparação. Estas variações desaceleraram para patamares de, respectivamente, +1,5% e +0,7% em março.

Esta perda de dinamismo das vendas de medicamentos durante o 1º trim/22, aliada as dificulda-

des de fornecimento de matérias-primas deste período, foram alguns dos fatores que determinaram a redução na produção física do setor farmacêutico e o aumento dos seus estoques no mês de março.

## Investimentos na Indústria Farmacêutica

O segundo semestre de 2021 e o início do ano de 2022 configurou um movimento de ajustamento da indústria farmacêutica e farmoquímica às condições da demanda, à situação sanitária do país e às dificuldades da cadeia produtiva. Apesar deste cenário, as intenções de investimentos das empresas do setor farmacêutico permaneceram elevadas no 1º trim/22, demonstrando que as estratégias de crescimento desta indústria passam por planos de investimento em ampliação da capacidade produtiva e inovativa.

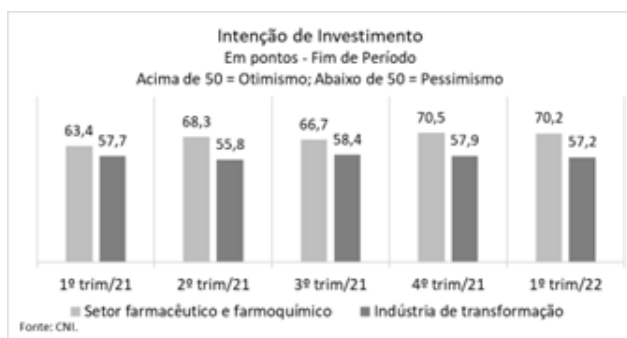
Percalços conjunturais na produção corrente durante o planejamento e a execução de investimentos cruciais para o setor farmacêutico e farmoquímicos não podem comprometer a modernização e ampliação das suas plantas produtivas. A despeito do setor enfrentar nos últimos dois anos problemas na cadeia produtiva com gargalos nos fornecedores, críticos durante os piores momentos da pandemia, mas ainda presentes, as empresas farmacêuticas enxergaram oportunidades de investir na produção doméstica, de modo a assegurar o acesso a insumos estratégicos, contribuindo para a resiliência do setor, e a construção de capacidades internas de produzir novos medicamentos, de maior conteúdo tecnológico.

A inovação é fundamental para o setor conseguir galgar novos mercados e fornecer medicamentos atualizados ao mercado privado e institucional do país. A manutenção de investimentos, mesmo em um cenário com menor dinamismo no curto-prazo, é fundamental para a perspectiva do setor no médio e no longo-prazos.

Os indicadores conjunturais da indústria farmacêutica na comparação do acumulado em 12 meses fecharam março com desaceleração (faturamento real) e variações negativas na produção e no emprego. Massa de rendimento disponível para o consumo estagnada, embora a ocupação tenha crescido em 2022, impediu que o consumo de medicamentos ganhasse maior impulso no começo de 2022.

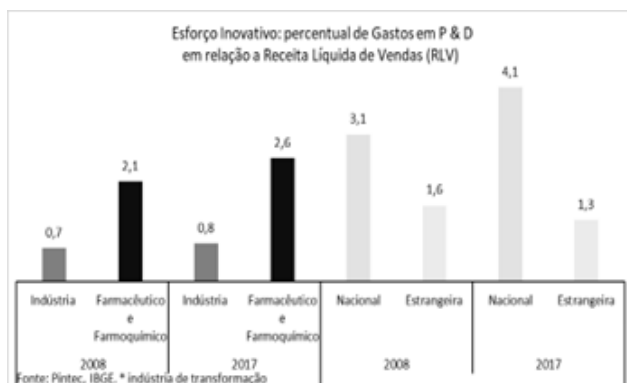
Segundo Sondagem Industrial da CNI, a intenção de investimento dos empresários do setor far-

macêutico e farmoquímico atingiu 70,5 pontos (p.) no 1º trim/22, bem acima da faixa de otimismo e do patamar do 1º trim/21 (63,4 p.). Neste período, a intenção de investimento da indústria de transformação se situou abaixo no nível observado no setor farmacêutico com pequeno recuo, de 57,7 p. para 57,2 p.



A Pesquisa sobre inovação do IBGE (Pintec), que avalia o esforço inovativo da indústria de transformação, mostrou a primazia da inovação das empresas nacionais do setor farmacêutico e farmoquímico. Entre os anos de 2008 e 2017, a indústria de transformação manteve inalterado o percentual de gastos em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) no patamar de 0,8%, em relação a Receita Líquida de Vendas (RLV).

No setor farmacêutico e farmoquímico, este indicador já era superior em 2008 com 2,1% e subiu, em 2017, para 2,6%. Neste período, o maior esforço inovativo se manifestou nas empresas nacionais do setor, que registraram aumento do gasto em P&D como proporção da RLV de 3,1% para 4,1%. Já, nas multinacionais esse percentual regrediu de 1,6% para 1,3%.



O GFB realizou levantamento de notícias sobre os investimentos do setor farmacêutico realizados e em execução nos últimos dez anos, especialmente das empresas de capital nacional. O valor em reais desembolsado atingiu R\$ 11,1 bilhões a valores correntes para investimentos em ampliação de fábricas, novas unidades, implementação de centros de P&D, aquisição de empresas e de portfólios.

Os anos de maior concentração de recursos para investimentos foram de 2018 a 2021, período que englobou o esforço de combate a pandemia, com desembolso de R\$ 4,8 bilhões; os investimentos anunciados entre os anos de 2020/2021 com programação de execução até 2026 somam recursos de R\$ 4,5 bilhões; e no período 2013-2016 foram compilados anúncios de R\$ 1,8 bilhão de investimentos.